

Resenha

A roda da vida

Lenina Lopes Soares Silva

KÜBLER-ROSS, Elisabeth (1998). *A roda da vida: memórias do viver e do morrer*. Tradução de Maria Luiza Newlands Silveira. Rio de Janeiro, GMT.

Pensar a vida como uma roda é, com certeza, refletir sobre a circularidade dos movimentos das pessoas vivas, em especial daquelas que ficaram vivificadas em nossa memória e, de certa forma, compreender a vida como uma travessia entre o nascimento e a morte, sem que esta última signifique um fim. Talvez seja também reconstruir o vivido pelas idas e voltas que compuseram os caminhos percorridos e a percorrer. Quem sabe sem deixar que muitos fatos fiquem de fora do holograma pulsante da reflexividade que vai se amalgamando na memória e que nas narrativas autobiográficas é vivificado. É nesse sentido que Elisabeth Kübler-Ross (1926-2004), médica psiquiatra, suíça, radicada nos Estados Unidos vai traduzindo sua vida nesta autobiografia: *A roda da vida: memórias do viver e do morrer*, circundando suas experiências e vivências como pessoa e como profissional.

Deixa, dessa maneira, para a humanidade, as particularidades de seu destino como filha, mulher, esposa, mãe e, especialmente, como profissional da saúde, as reflexões de um ser humano que viveu sempre preocupado com os outros e que quer deixar esse significado de vida para as pessoas. Nesse sentido, entende-se que, sendo uma cientista cujas experiências a levaram à proposição de que as pessoas passam

por estágios antes de morrer, essa escrita de si traz a vida e a morte como processos in/diferenciados no caminho a ser trilhado pelos que nascem.

O livro é dividido em quatro partes, compostas por quarenta capítulos e 313 páginas. Na primeira parte, “O camundongo” ou os primeiros anos de vida, são relatadas suas vivências junto à família na Suíça, culminando com suas experiências diante das imagens das atrocidades da Segunda Guerra Mundial, como voluntária na Polônia. Os encontros com os horrores da guerra e com seres humanos com grande nível de desenvolvimento espiritual fizeram-na decidir ter como objetivo de vida procurar fazer tudo que fosse possível para garantir que “as futuras gerações não produzissem um outro Hitler” (p. 86). Diante do horror de Maidanek, questiona-se: “Como homens e mulheres podem fazer coisas assim uns aos outros? Como é que as pessoas, especialmente mães e crianças, sobreviviam no decorrer daquelas semanas e dias antes da morte que tinham como certa?” Afirma que saiu dali refletindo como os seres humanos podem agir de forma tão criminosa com outros humanos, em especial com crianças inocentes, compreendendo que em cada ser humano habita um Hitler; não há diferença entre as mães e que o amor transcende língua e nacionalidade, e que compete aos humanos fazerem suas escolhas.

A segunda parte, “O urso” ou o início da meia-idade, é a parte mais longa da narrativa, e nela a autora fala de sua formação em medicina e dos problemas enfrentados, de suas relações com professores e colegas, de seu encontro com Indira Gandhi, de suas experiências como médica no interior da Suíça e em grandes hospitais nos Estados Unidos, de seu casamento e do nascimento de seus filhos. Revela a experiência como escritora em seu primeiro livro, intitulado *Sobre a morte e o morrer*, no qual discorre sobre suas observações com pessoas que sofreram perdas e também com seus pacientes terminais, cujas reflexões a levaram a afirmar que todos passaram por estágios que, inicialmente, são de choque e de negação, evoluindo para a raiva e o rancor e, finalmente, chegam à mágoa e à dor. Nessa parte, ela vai avaliando a vida e fazendo pontuações sobre o que considera fardos na

vida, mágoas, desentendimentos, incompreensões, chamando a atenção para a negação social daquilo que não está confirmado cientificamente, daquilo que é definido de outra maneira, uma nova maneira de pensar – sobre a morte e o morrer, como no caso dela.

“O búfalo” é a terceira parte, que ela classifica como “final da meia-idade”. Aqui a autora continua a avaliar sua vida, demonstrando menos energia de enfrentamento e, com certa serenidade, sinaliza acontecimentos desagradáveis que a fizeram sofrer muito, os quais ela considera lições de vida cujos ensinamentos enfatiza como essenciais, haja vista que, nessa memória, a vida é o arcabouço do aprendiz e é dela que os seres humanos devem retirar suas hipóteses para refletir, fazer escolhas, guiar seu processo de humanização e suas ações no mundo e para o mundo.

Na quarta parte, “A águia” ou os últimos anos de vida, a médica que fez a proposição sobre a morte e o morrer discorre sobre a vida e o viver, o que, na verdade, é a tese central deste livro. Tese defendida com argumentos factuais de uma vida carregada de singularidades que fizeram a diferença pelo amor e pela dedicação aos outros, pelos serviços prestados e pelas atitudes de coragem diante das injustiças, da falta de amor entre os humanos e do desrespeito à natureza. Sem negar seus defeitos e suas qualidades, seus bons e maus hábitos, suas carências e suas necessidades e já no final da vida ainda deixa para o leitor o seguinte:

Felizmente, cheguei a um ponto em que não preciso mais voltar atrás para aprender mais lições, mas, infelizmente, não estou satisfeita com o mundo de onde estou partindo pela última vez. O planeta inteiro está em dificuldades. Esta é uma época muito frágil da história. A Terra foi maltratada durante um período longo demais sem que se considerasse a possibilidade de graves conseqüências. (p. 311)

A abordagem perpassada no livro é construída tendo como parâmetro sua trajetória e o contexto sociocultural do século XX, em que a autora viveu quase toda vida, o qual é por ela criticado, haja

vista os problemas sociais, culturais e, principalmente, humanos nele contidos. Neste último, em que ela se inclui, buscando modificar a realidade cruel das condições impostas à condição humana, naturalmente frágil, em seu momento de vida, procurando fazer a diferença através de ações que podem ser compreendidas como humanitárias. A estruturação do texto é comum, o que faz a diferença são os significados dados à infância, à juventude, à formação em medicina, ao trabalho, à idade adulta e à velhice, conduzidos com imaginação criativa, com argumentos reflexivos e reversíveis, dando ênfase àquilo que vale a pena ser narrado. Em muitos momentos, sentimos que foram feitos cortes ou supressões, mas isso não afeta a compreensão do todo, não lhe tira a coerência ou a coesão. Deixa, também, entrever que o objetivo do livro é abordar os acontecimentos que marcaram sua vida e que, de certa forma, delinearão seu destino, seus sucessos e insucessos. Assim, faz dessa escrita de si uma escrita de razões em si, opondo-se ao desperdício das experiências por ela vividas, quando diz: “Ao longo da vida surgem pistas que nos indicam para que direção devemos seguir. Se não damos atenção a essas pistas, fazemos opções erradas e acabamos levando uma vida infeliz” (p. 22).

A leitura proporciona ao leitor uma interpretação da vida da autora como de uma pessoa que viveu para superar obstáculos, pelos registros de fatos e acontecimentos demarcados por ela como lições de vida. Lições que transmite como unas e múltiplas por serem expressas através de um único princípio “o amor incondicional” capaz de curar pessoas e de fazê-las humanas o suficiente para se arrisquem em função de outro ser humano, de outro animal e até do planeta Terra, em defesa da própria humanidade. A partir desse princípio, propõe uma interpretação da vida e da morte como processos indissociáveis, como atos contínuos, conflituosos que só podem adquirir significados através de sentimentos capazes de entender a própria vida e a vida do outro que muitas vezes está sofrendo ao seu lado, sempre em conformidade com esse princípio, daí porque, além dos animais que nomeiam cada uma das partes do livro, há um animal que pode ser encontrado em todo o livro – a borboleta.

Em síntese, além das vidas pessoal e profissional, são expostas nas quatro partes do livro as amizades e as relações de ajuda por ela vividas, como as que impulsionaram a roda de sua vida em todos os momentos. Encontros, pessoas e lugares são as substâncias dessas memórias do viver e morrer de alguém que, no final de sua vida, deixa para nós – seus leitores – as seguintes questões: Que serviços você prestou para a humanização do homem? O que fez para ajudar as pessoas que estão a sua volta? Você dá o devido valor à aprendizagem como um conteúdo de humanidade para aprimorar a sua existência? E os seguintes ensinamentos: ajudar é preciso e necessário, e amar é o que dá significado à existência.

Fazer outras reflexões seria, com certeza, tirar dos futuros leitores o prazer de novas interpretações. O livro pode ser indicado para qualquer leitor que deseje fazer uma leitura proveitosa sobre a vida, pois “nada acontece por acaso”; todavia, teria um sentido aplicativo, tão em moda na atualidade, quando indicado para estudantes, professores e profissionais da área da saúde por possibilitar, principalmente, uma leitura reflexiva sobre a temática da humanização no atendimento a pacientes terminais.

Vale a pena o desafio de lê-lo!

Data de recebimento: 10/8/2007; Data de aceite: 22/8/2007.

Lenina Lopes Soares Silva – Pedagoga, especialista em Psicopedagogia, mestre em Ciências Sociais, doutoranda em Ciências Sociais – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFRN. E-mail: lenina@natal.digi.com.br.